

# I

Às nove horas a sala do teatro das Variedades ainda se encontrava vazia. Algumas pessoas, no balcão e na plateia, esperavam, perdidas no meio das poltronas de veludo carmesim, na penumbra do lustre à meia-luz. Uma sombra afogava a grande mancha vermelha do pano; e não chegava o mínimo som de cena, a ribalta apagada, as estantes dos músicos dispersas. Só lá em cima, na terceira galeria, em torno da rotunda do teto onde mulheres e crianças nuas esvoaçavam em revoada num céu enverdecido pelo gás, chamamentos e risos saíam de um sussurro contínuo de vozes, cabeças cobertas de toucas e de barretes iam-se instalando debaixo das grandes arcadas redondas debruadas de ouro. Por momentos, uma arrumadora aparecia, apressada, empunhando os bilhetes, levando à sua frente um cavalheiro e uma dama que se sentavam, o homem de casaca, a mulher esguia e com o tronco ligeiramente arqueado para trás, lançando em volta um olhar lento.

Dois jovens apareceram na plateia. Ficaram de pé, a olhar.

— Que te dizia eu, Hector? — exclamou o mais velho, um rapagão de bigodinhos pretos —, chegámos demasiado cedo. Bem podias ter-me deixado acabar de fumar o charuto.

Uma arrumadora passava.

— Oh!, senhor Fauchery — disse a mulher num tom familiar —, isto não começa antes de uma meia hora.

— Então porque é que eles anunciam para as nove? — murmurou Hector, cujo rosto comprido e magro assumiu um ar indignado. — Esta manhã a Clarisse, que entra na peça, voltou a jurar-me que o espetáculo começava às nove horas em ponto.

Calaram-se por um instante, levantando a cabeça, inspecionando a sombra dos camarotes. Mas tudo o que lá se via por enquanto era o

papel verde que os forrava e obscurecia. Em baixo, sob a galeria, as frisas afundavam-se numa treva total. Nos camarotes do balcão só havia uma dama gorda encalhada sobre o veludo do corrimão. À direita e à esquerda, entre altas colunas, os camarotes de boca continuavam vazios, encimados por lambrequins de grandes franjas. A sala branca e ouro, sobre um fundo verde-claro, apagava-se, como se velada por uma fina poeira produzida pelas chamas baixas do grande lustre de cristal.

— Conseguiste arranjar o camarote de boca para a Lucy? — perguntou Hector.

— Sim — respondeu o outro —, mas não foi fácil. Oh!, não há perigo de a Lucy chegar demasiado cedo, olha quem!

Abafou um ligeiro bocejo e, a seguir, depois de uma pausa:

— Quem está cheio de sorte és tu, que nunca assististe a uma estreia... A *Loura Vénus* será o acontecimento do ano. Fala-se nisso há seis meses. Ah!, meu caro, que música!, uma coisa picante!... O Bordenave, que sabe da poda, guardou isto para a Exposição.

Hector escutava religiosamente. Fez uma pergunta:

— E a Nana, a nova estrela, que faz o papel de Vénus, tu conhece-la?

— Pronto! Lá voltamos sempre ao mesmo! — bradou Fauchery, arremessando os braços ao ar. — Desde esta manhã que não param de chatear-me com essa Nana. Encontrei mais de vinte pessoas e era Nana para aqui, Nana para acolá! Como é que hei de saber? Conheço eu porventura todas as galdérias de Paris?... A Nana é uma invenção do Bordenave e só te digo que deve ser obra asseada!

Voltou a serenar. Mas a sala vazia, a penumbra do lustre, aquele recolhimento de igreja cheio de vozes sussurrantes e de batimentos de porta impacientavam-no.

— Ah!, não — disse de repente —, uma pessoa aqui envelhece. Vou lá p'ra fora. É possível que encontremos o Bordenave na entrada. Talvez nos dê informações.

Em baixo, no grande vestíbulo pavimentado de mármore, onde estava instalado o controlo de entradas, o público começava a aparecer. Pelas três portas gradeadas via-se passar a vida ardente dos bulevares, que fervilhavam e flamejavam naquela bela noite de abril. Ruídos de rodas paravam de súbito, portinholas voltavam a fechar-se ruidosamente, e entrava gente, em pequenos grupos, parando diante dos porteiros, subindo, ao fundo, a escadaria dupla, onde as mulheres se demoravam com derrengues de cintura. Na claridade crua do gás, sobre

a nudez macilenta daquela sala, que na sua decoração estilo Império imitava pelintramente em papelão o peristilo de um templo, destacavam-se vivamente altos cartazes amarelos, com o nome de NANA em grandes caracteres negros.

Cavalheiros, como se tivessem sido fisgados ao passar por lá, paravam a lê-los; outros, de pé, conversavam, barrando as portas; ao passo que, perto da bilheteira, um homem gordo respondia grosseiramente às pessoas que insistiam por conseguir lugares.

— Ali está o Bordenave — disse Fauchery descendo a escada.

Mas o empresário tinha-o visto.

— Eh!, você é muito amável! — gritou-lhe de longe. — Bonita crónica a sua... Abro esta manhã *Le Figaro*. Nada.

— Espere lá! — respondeu Fauchery. — Tenho primeiro de conhecer a sua Nana, antes de poder falar dela... De resto, não prometi nada.

Depois, para mudar de assunto, apresentou o seu primo, o senhor Hector de la Faloise, um jovem que vinha concluir a sua educação em Paris. O empresário avaliou o jovem com um olhar. Mas Hector examinava-o com emoção. Era portanto aquele o célebre Bordenave, esse apresentador de mulheres que as tratava como um negreiro, esse cérebro onde fumegava constantemente qualquer nova ideia publicitária, gritando, escarrando, desferindo palmadas nas coxas, cínico e com um espírito de gendarme! Hector julgou-se obrigado a procurar uma frase amável.

— O seu teatro... — principiou a dizer numa voz aflautada.

Bordenave interrompeu-o tranquilamente, com uma palavra crua, como homem que gosta das situações claras.

— Diga «o meu bordel».

Fauchery teve então um riso aprovativo, enquanto La Faloise, com o cumprimento entalado na garganta, muito chocado, tentava parecer saborear o dito. O empresário tinha-se precipitado para apertar a mão a um crítico dramático cujo folhetim tinha grande influência. Quando voltou, La Faloise já conseguira recompor-se. Receava que o tomassem por provinciano se se mostrasse demasiado embaraçado.

— Disseram-me — recomeçou, querendo absolutamente encontrar qualquer coisa — que Nana tem uma voz deliciosa.

— Ela!? — exclamou o empresário encolhendo os ombros. — Uma autêntica cegarrega!

O jovem apressou-se a acrescentar:

— De resto, excelente atriz.

— Ela!?!... Um saco de batatas! Não sabe onde meter os pés nem onde pôr as mãos.

La Faloise corou ligeiramente. Não compreendia. Balbuciou:

— Por nada deste mundo teria faltado a esta estreia. Eu sabia que o seu teatro...

— Diga «o meu bordel» — interrompeu de novo Bordenave, com a teimosia fria de um homem convencido.

Entretanto Fauchery, muito calmo, observava as mulheres que entravam. Acudiu em socorro do primo quando o viu boquiaberto, sem saber se devia rir ou zangar-se.

— Faz a vontade ao Bordenave, chama ao teatro aquilo que ele te pede, visto que lhe dá prazer... E você, meu caro, não esteja praí a armar ao engraçado. Se a sua Nana não sabe cantar nem representar, você vai ter um fiasco, e é tudo. É aliás o que eu temo.

— Um fiasco! Um fiasco! — gritou o empresário cuja face se congestionou. — Será que uma mulher precisa de saber representar e cantar? Ah, meu filho, és muito anjo... A Nana tem outra coisa, caramba! E é uma coisa que vale por tudo o mais. Eu farejei essa coisa, nela é tão forte que se percebe a léguas, e se me enganei é porque perdi de todo o meu faro... Tu verás, tu verás, mal ela aparecer vai ficar a sala inteira com a língua de fora.

Tinha erguido as mãos grossas, que tremiam de entusiasmo; e, desoprimido, baixava a voz, grunhia para consigo:

— Sim, ela há de ir longe, ah!, caramba!, se há de ir longe... Uma pele, oh, uma pele!

Depois, interrogado por Fauchery, condescendeu em prestar informações com uma crueza de expressões que embarçava Hector de la Faloise. Tinha conhecido Nana e queria lançá-la. Andava precisamente nessa altura à procura de uma vénus. Ele não perdia muito tempo com uma mulher; preferia contemplar sem demora o seu público, exibindo-a. Mas via-se a braços com tremendas complicações na sua tenda, que a vinda dessa grande mulher tinha revolucionado. Rose Mignon, a sua estrela, essa sim, uma fina comediante e uma cantora adorável, ameaçava diariamente abandoná-lo, furiosa, adivinhando uma rival. E por causa do cartaz, que banzé, santo Deus! Por fim ele decidira pôr os nomes das duas atrizes em letras do mesmo tamanho. Não queria que o chateassem. Quando uma das suas mulherzinhas, como ele lhes chamava, Simonne ou Clarisse, saíam dos eixos, ele pregava-lhe um pontapé no traseiro. De outra

maneira era impossível viver. Ele vendia-as, portanto, sabia o que elas valiam, essas pegas!

— Olha! — disse, interrompendo o discurso —, o Mignon e o Steiner. Sempre juntos. O Steiner começa a ter a Rose pelos cabelos; por isso o marido não o deixa nem por um instante, não vá ele escapar-se.

A feira de gás que luzia na cornija do teatro lançava uma toalha de claridade viva sobre o passeio. Duas pequenas árvores, de um verde cru, destacavam-se vivamente; uma coluna branqueava, tão vivamente iluminada, que se liam de longe os cartazes, como em pleno dia; e, para além, a noite espessa do bulevar salpicava-se de luzes, na vaga de uma multidão sempre em marcha. Muitos homens não entravam imediatamente, ficavam fora a conversar acabando um charuto, sob o jorro de luz da fachada, que lhes emprestava uma palidez lívida e recortava no asfalto as suas sombras breves e negras. Mignon, um rapagão muito grande, de ombros muito largos, com uma cabeça quadrada de hércules de feira, abria passagem no meio dos grupos, arrastando pelo braço o banqueiro Steiner, pequenino, já barrigudo, a face redonda e emoldurada pelo colar de uma barba a ficar grisalha.

— Olhe! — disse Bordenave ao banqueiro —, o senhor encontrou-a ontem, no meu gabinete.

— Ah, era ela — exclamou Steiner. — Bem me parecia. Mas, como eu estava a sair quando ela entrou, não consegui vê-la bem.

Mignon escutava, de pálpebras baixas, fazendo rolar nervosamente um grande diamante no dedo. Compreendera que se tratava de Nana. Depois, como Bordenave fizesse da sua estrepante uma descrição que acendia uma chama nos olhos do banqueiro, acabou por intervir.

— Deixe lá, meu caro, é uma pega reles! O público vai corrê-la a assobios... Steiner, meu pequerrucho, você sabe que a minha mulher está à sua espera no camarim.

Quis recuperá-lo. Mas Steiner recusava-se a largar Bordenave. Em frente deles uma bicha de gente apertava-se à entrada, ouvia-se um barulho de vozes do meio do qual o nome de Nana subia com a vivacidade cantante das suas duas sílabas. Os homens que se postavam diante dos cartazes soletravam-no em voz alta; outros lançavam-no de passagem num tom de interrogação; ao passo que as mulheres, inquietas e sorridentes, repetiam-no lentamente, com um ar de surpresa. Ninguém conhecia Nana? De onde diabo caíra ela? E corriam histórias, gracejos sussurrados de orelha em orelha. Era uma carícia esse